O EXORCISMO DA MINHA MELHOR AMIGA

GRADY HENDRIX

intrínseca

O EXORCISMO DA MINHA MELHOR AMIGA

O EXORCISMO DA MINHA MELHOR AMIGA

GRADY HENDRIX

Tradução de Edmundo Barreiros

intrínseca

Copyright © 2016 by Grady Hendrix
Todos os direitos reservados.
Publicado originalmente em língua inglesa por Quirk Books, Filadélfia, Pensilvânia.
Publicado mediante acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L.U., Barcelona – www.uklitag.com

"I Think We're Alone Now", letra e música de Ritchie Cordell. Copyright © 1967 EMI Longitude Music. Copyright renovado. Todos os direitos administrados por Sony/ATV Music Publishing LLC. 424 Church Street, Suite 1200, Nashville, TN, 37219. Copyright international assegurado. Todos os direitos reservados. Reproduzido com a permissão de Hal Leonard Corporation.

"Like A Virgin", letra e música de Billy Steinberg e Tom Kelly. Copyright ©1984 Sony/ ATV Music Publishing LLC. Todos os direitos administrados por Sony/ATV Music Publishing LLC. 424 Church Street, Suite 1200, Nashville, TN, 37219. Copyright internacional assegurado. Todos os direitos reservados. Reproduzido com a permissão de Hal Leonard Corporation.

TÍTULO ORIGINAL
My Best Friend's Exorcism

PREPARAÇÃO
Paula Di Carvalho
Thais Entriel

REVISÃO
Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Doogie Horner

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Hugh Fleming

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Anderson Junqueira

ARTES DE ABERTURA DE CAPÍTULO
Larissa Fernandez e Leticia Fernandez

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H435e

Hendrix, Grady
O exorcismo da minha melhor amiga / Grady Hendrix ; tradução Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: My best friend's exorcism
ISBN 978-65-5560-196-1

1. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo. II. Título.

21-72591 CDD: 813
CDU: 83-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

O exorcista está morto.

Abby está em seu escritório, olhando fixamente para o e-mail. Ela clica no link que a leva à página inicial do jornal que ainda chama de *News and Courier*, embora o nome já tenha mudado há quinze anos. O exorcista aparece bem no meio da tela, calvo e com um rabo de cavalo, sorrindo para a câmera em uma foto 3x4 desfocada. Abby sente a mandíbula doer e a garganta se fechar. Nem percebe que prendeu a respiração.

O exorcista estava transportando madeira cortada até Lakewood e parou na estrada a fim de ajudar um turista a trocar o pneu. Enquanto apertava as porcas, uma minivan entrou pelo acostamento e o atingiu em cheio. Morreu antes que a ambulância chegasse. A motorista da minivan tinha três analgésicos diferentes no organismo — quatro, se incluirmos a cerveja. Foi acusada de dirigir sob efeito de álcool e drogas.

"Cuidado constante ou morte ao volante", pensa Abby, lembrando-se da campanha de segurança no trânsito. "A escolha é sua."

O slogan lhe vem à cabeça, uma frase de efeito da qual ela mal se lembrava, mas agora não imagina como pôde esquecer. Esses outdoors tomavam todas as estradas da Carolina do Sul quando ela estava no ensino médio. Neste momento, seu escritório, sua teleconferência marcada para

onze horas, seu apartamento, sua hipoteca, seu divórcio, sua filha… nada disso importa.

Ela voltou vinte anos no tempo e está em um Golf MK1 caindo aos pedaços com a janela aberta e o rádio berrando uma música da banda UB40 enquanto acelera pela ponte velha, o ar doce e salgado em seu rosto. Ela vira a cabeça para a direita e vê Gretchen, com o cabelo louro balançando ao vento, descalça e com as pernas cruzadas sobre o banco. Elas cantam junto com o rádio a plenos pulmões, desafinadas. É abril de 1988, e o mundo pertence às duas.

Para Abby, "amiga" é uma palavra que se desgastou com o excesso de uso. "Sou amiga dos caras da informática", diria ela, ou "Vou encontrar algumas amigas depois do trabalho".

Mas ela se lembra de quando a palavra "amiga" podia arrancar sangue. As duas passavam horas classificando suas amizades, tentando determinar quem era melhor amiga ou só colega, debatendo se alguém podia ter duas melhores amigas, escrevendo o nome uma da outra repetidas vezes em caneta roxa, inebriadas pela alegria de pertencer a outra pessoa, de ser escolhida por uma total estranha, alguém que queria conhecer você, outra pessoa que se importava com a sua existência.

Ela e Gretchen eram melhores amigas, aí chegou aquele outono. E elas sucumbiram.

O exorcista salvou a vida dela.

Abby ainda se lembra do ensino médio, mas as recordações vêm em imagens, não em eventos. Ela se lembra das consequências, mas as causas são indistintas. Nesse momento, tudo está voltando em uma torrente implacável. Os gritos no gramado. As corujas. O fedor no quarto de Margaret. O Bom Cachorro Max. O incidente terrível que aconteceu com Glee. Acima de tudo, ela se lembra do que houve com Gretchen e de como tudo deu errado pra cacete em 1988, o ano em que sua melhor amiga foi possuída pelo demônio.

É 1982. Ronald Reagan lançava sua Guerra às Drogas. Nancy Reagan falava a todos que "Basta Dizer Não". O Epcot Center foi enfim inaugurado, a Midway lançou Ms. Pac-Man nos fliperamas, e Abby Rivers virou oficialmente uma adulta porque tinha finalmente chorado em um filme. Foi durante *E.T. — O Extraterrestre,* e ela voltou várias vezes ao cinema para assistir de novo, fascinada por sua reação involuntária, impotente sob o jugo das lágrimas que escorriam quando o E.T. e Elliott se abraçavam.

Foi o ano em que ela completou dez anos.

Foi o ano da Festa.

Foi o ano em que tudo mudou.

Uma semana antes do Dia de Ação de Graças, Abby entrou na sala da sra. Link com vinte e um convites em formato de patins e chamou toda aquela turma do quarto ano para o Redwing Rollerway no sábado, 4 de dezembro, às três e meia, a fim de comemorar seu décimo aniversário. Esse seria o momento de Abby. Ela assistira a *Roller Boogie* com Linda Blair, vira Olivia Newton-John em *Xanadu* e Patrick Swayze sem camisa em *A febre dos patins*. Após meses de prática, ela estava tão boa quanto os três juntos. Ela não seria mais a Abby fracote. Diante dos olhos de toda a turma, ela iria se tornar Abby Rivers, Princesa dos Patins.

O feriado de Ação de Graças passou, e, no primeiro dia de volta à escola, Margaret Middleton caminhou até a frente da turma e convidou todo mundo a visitar seu haras de cavalos de polo para um dia de montaria no sábado, 4 de dezembro.

— Sra. Link? Sra. Link? Sra. Link? — Abby acenou loucamente. — Esse é o dia da minha festa de aniversário.

— Ah, sim — disse a sra. Link, como se Abby não tivesse pregado patins gigantes com as informações da festa no meio do quadro de avisos da turma. — Mas você pode adiar isso.

— Mas… — Abby nunca dissera "não" a uma professora, então fez o melhor que pôde. — Mas é meu aniversário.

A sra. Link suspirou e fez um gesto tranquilizador para Margaret Middleton.

— Sua festa só começa às três e meia — respondeu. — Tenho certeza de que todos podem ir depois de andar a cavalo com Margaret.

— Claro que podem, sra. Link. — Margaret Middleton sorriu com afetação. — Vai ter tempo de sobra.

Na quinta-feira anterior a seu aniversário, Abby levou vinte e cinco cupcakes do E.T. para a aula como lembrete. Todo mundo comeu, o que ela considerou um bom sinal. No sábado, ela forçou os pais a chegar uma hora antes no Redwing Rollerway para arrumar as coisas. Às 15h15, parecia que o E.T. tinha explodido por todas as paredes do salão de festas. Havia balões do E.T., toalhas de mesa do E.T., chapéus de festa do E.T., Reese's em miniatura ao lado de cada pratinho do E.T., um bolo de sorvete de chocolate e manteiga de amendoim decorado com a cara do E.T. e, na parede atrás de sua cadeira, o bem mais valioso de Abby, que não podia, sob nenhuma circunstância, sujar, manchar, furar ou rasgar: um pôster oficial do filme, que seu pai levara para casa do cinema e lhe dera de aniversário.

Finalmente, o relógio marcou três e meia.

Ninguém chegou.

Às 15h35, o salão continuava vazio.

Às 15h40, Abby estava quase chorando.

Na pista, tocava "Open Arms", do Journey. Todas as crianças maiores passavam patinando pela janela de acrílico que dava para o salão de festas, e Abby sabia que estavam rindo dela por estar sozinha em sua festa de aniversário. Cravou as unhas com força na pele clara do interior do pulso, concentrando-se na dor para conseguir segurar o choro. Finalmente, às 15h50, quando cada centímetro de seu pulso estava coberto de meias-luas vermelhas, Gretchen Lang, a garota nova esquisita que havia acabado de ser transferida de Ashley Hall, foi empurrada para dentro do salão pela mãe.

— Olá, olá — entoou a sra. Lang, com suas pulseiras chacoalhando. — Sinto muito pelo… Cadê todo mundo?

Abby não conseguiu responder.

— Estão presos na ponte — respondeu a mãe dela, indo ao resgate.

O rosto da sra. Lang relaxou.

— Gretchen, por que você não dá o presente para sua amiguinha? — insistiu ela.

A mulher enfiou nos braços de Gretchen um tijolo embrulhado e empurrou-a para a frente. Gretchen se inclinou para trás e forçou os calcanhares no chão. A sra. Lang tentou outra tática.

— Não conhecemos esse personagem, não é mesmo, Gretchen? — perguntou, olhando para o E.T.

Ela devia estar brincando, pensou Abby. Como podia não conhecer a pessoa mais popular do planeta?

— Eu sei quem é — protestou Gretchen. — É E.T., o… extraterrível?

Abby não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Do que aquelas malucas estavam falando?

— O extra*terrestre* — corrigiu Abby, recuperando a voz. — Porque ele é de outro planeta.

— Que gracinha — disse a sra. Lang.

Em seguida, deu suas desculpas e caiu fora dali.

Um silêncio mortal envenenou o ar. Todo mundo remexia os pés com desconforto. Para Abby, aquilo era pior do que estar sozinha. A essa altura, estava totalmente óbvio que ninguém apareceria em sua festa de

aniversário, e seus pais precisavam encarar o fato de que sua filha não tinha amigos. Para piorar, uma garota estranha que não sabia nada sobre extraterrestres estava presenciando sua humilhação. Gretchen cruzou os braços, amassando ruidosamente o papel do presente.

— Foi muito gentil de sua parte trazer um presente — disse a mãe de Abby. — Não precisava.

Claro que precisava, pensou Abby. É meu aniversário.

— Feliz aniversário — murmurou Gretchen, empurrando o presente para Abby.

Abby não queria o presente. Queria seus amigos. Por que não estavam ali? Mas Gretchen simplesmente ficou parada igual a uma idiota, com o presente estendido. Como todos olhavam para Abby, ela pegou o presente, mas depressa, para que ninguém se confundisse e achasse que ela estava gostando do andamento das coisas. Soube na mesma hora que era um livro. Será que essa garota não tinha a menor noção? Abby queria coisas do E.T., não um livro. A menos que fosse um livro do E.T.

Mesmo essa pequena esperança morreu quando ela desembrulhou cuidadosamente o papel e se deparou com uma Bíblia para crianças. Abby virou o livro, esperando que talvez fosse só uma parte do presente, e a outra envolvesse o E.T. Mas não havia nada na contracapa. Ela o abriu. Nada. Era realmente um Novo Testamento para crianças. Abby ergueu a cabeça para ver se o mundo inteiro havia enlouquecido, mas só viu Gretchen a encarando.

Abby sabia quais eram as regras: precisava agradecer e fingir animação para não ferir os sentimentos de ninguém. Mas e quanto aos *seus* sentimentos? Era seu aniversário, e ninguém estava pensando nela. Ninguém estava preso na ponte, todo mundo estava na casa de Margaret Middleton andando a cavalo e dando à menina todos os presentes de Abby.

— Como é que se fala, Abby? — incitou a mãe.

Não. Ela não ia dizer obrigada. Se agradecesse, estaria dando a entender que tudo estava bem, que não havia problema em ganhar uma Bíblia de uma pessoa estranha que ela nem conhecia. Se agradecesse, seus pais

achariam que ela e aquela esquisita eram amigas, e iriam se assegurar de que Gretchen fosse a todas as festas de aniversário de Abby dali em diante, e ela nunca mais ganharia outro presente além de Bíblias para crianças.

— Abby? — insistiu a mãe.

Não.

— Abby — alertou o pai. — Não faça isso.

— Você precisa agradecer a essa garotinha agora mesmo — concluiu a mãe.

Em um clarão de inspiração, Abby se deu conta de que tinha uma alternativa: sair correndo. O que eles poderiam fazer? Derrubá-la? Então correu, esbarrando em Gretchen com o ombro e fugindo para o barulho e a escuridão do rinque.

— Abby! — chamou a mãe, mas a música do Journey abafou sua voz.

O supersincero Steve Perry entoava os versos acima do ressoar de pratos e guitarras poderosas que martelavam as paredes do rinque em ondas fortes enquanto casais apaixonados patinavam juntos.

Abby passou desviando entre os garotos mais velhos que carregavam pizzas e jarros de cerveja, todos eles patinando pelo carpete e gritando com seus amigos, então entrou no banheiro feminino, se enfiou numa cabine, bateu a porta laranja, desabou no assento do vaso sanitário e mergulhou na infelicidade.

Todo mundo queria ir para a fazenda de Margaret Middleton porque Margaret Middleton tinha cavalos, e Abby era uma idiota estúpida por achar que as pessoas iam querer vir ao seu aniversário e vê-la patinar. Ninguém queria vê-la patinar. Eles preferiam montar cavalos, e ela era estúpida, muito, muito estúpida por ter pensado o contrário.

"Open Arms" ficou mais alta quando alguém abriu a porta.

— Abby? — chamou uma voz.

Era aquela fulana. Abby ficou desconfiada na mesma hora. Seus pais provavelmente a haviam mandado para espionar. Abby puxou os pés para cima do assento do vaso.

Gretchen bateu na porta da cabine.

— Abby? Você está aí dentro?

Abby ficou parada e conseguiu reduzir o choro a um choramingo baixo.

— Eu não queria te dar uma Bíblia para crianças — explicou Gretchen através da porta. — Foi minha mãe que escolheu. Eu disse a ela para não comprar. Eu queria te dar alguma coisa do E.T. Eles tinham um que o coração acendia.

Abby não ligou. Essa garota era péssima. Ela ouviu movimentos fora da cabine, então a cabeça de Gretchen apareceu embaixo da porta. Abby ficou horrorizada. O que aquela garota estava fazendo? Estava rastejando para dentro da cabine! De repente, Gretchen apareceu na frente do vaso sanitário, embora a porta estivesse fechada, o que significava que ela queria privacidade. Abby ficou chocada. Encarou aquela garota insana, esperando pelo seu próximo movimento. Lentamente, Gretchen piscou os enormes olhos azuis.

— Eu não gosto de cavalos — falou ela. — Eles fedem. E não acho que Margaret Middleton seja uma pessoa legal.

Isso, pelo menos, fez algum sentido para Abby.

— Cavalos são idiotas — continuou Gretchen. — Todo mundo acha que eles são bacanas, mas eles têm cérebros como os de hamsters e, se você fizer um barulho alto, eles se assustam mesmo que sejam maiores que nós.

Abby não soube o que responder.

— Eu não sei patinar — disse Gretchen. — Mas acho que as pessoas que gostam de cavalos deviam, em vez disso, comprar cachorros. Cachorros são legais, menores que cavalos e inteligentes. Mas nem todos. Nós temos um cachorro chamado Max, mas ele é burro. Se latir enquanto está correndo, ele cai.

Abby estava começando a se sentir desconfortável. E se alguém entrasse e visse aquela pessoa esquisita dentro da cabine com ela? Sabia que precisava dizer alguma coisa, mas só havia um único pensamento em sua mente, e ela o externou:

— Queria que você não estivesse aqui.

— Eu sei. — Gretchen balançou a cabeça. — Minha mãe queria que eu fosse na festa de Margaret Middleton.

— E por que não foi? — perguntou Abby.

— Você me convidou primeiro — respondeu Gretchen.

Foi como se um raio rachasse o crânio de Abby em dois. Exatamente! Era isso o que vinha dizendo. Seu convite foi feito antes! Todo mundo devia estar ALI, com ELA, porque ela os convidara PRIMEIRO, e Margaret Middleton a COPIARA. Essa garota sabia das coisas.

Talvez nem tudo estivesse arruinado. Talvez Abby pudesse mostrar a essa esquisita como patinava bem e ela contasse para toda a escola. Todos iriam querer ver, mas ela nunca mais faria outra festa de aniversário, então eles nunca a veriam patinar a menos que implorassem para que ela se apresentasse diante de toda a escola, aí talvez ela topasse e deixasse todo mundo deslumbrado, mas só se eles implorassem muito. Ela precisava começar impressionando essa garota, o que não seria difícil. Ela nem sabia patinar.

— Eu ensino você a patinar, se quiser — disse Abby. — Sou muito boa.

— É mesmo? — perguntou Gretchen.

Abby fez que sim com a cabeça. Alguém finalmente a estava levando a sério.

— Eu sou *muito* boa — concluiu ela.

Depois que o pai de Abby alugou patins, ela ensinou Gretchen a amarrá-los bem apertado e a ajudou a caminhar pelo carpete, mostrando como levantar bem alto os pés para não tropeçar. Levou Gretchen para a zona de patinação de iniciantes e ensinou alguns movimentos básicos, mas, depois de alguns minutos, estava morrendo de vontade de mostrar suas habilidades.

— Quer ir para o rinque grande? — perguntou Abby.

Gretchen fez que não.

— Não vai ser assustador se eu estiver com você — disse Abby. — Não vou deixar que nada de ruim aconteça.

Gretchen pensou por um minuto.

— Segura a minha mão?

Abby pegou as mãos de Gretchen e a puxou para a pista bem no momento em que o locutor anunciou que era hora da patinação livre, e de repente o rinque se encheu de adolescentes passando por elas na velocidade da luz. Um garoto levantou uma garota pela cintura no meio da pista, e eles giraram. O DJ ligou o globo de espelhos, e estrelas começaram a brilhar sobre tudo, e o mundo inteiro girava. Gretchen se encolhia quando os adolescentes passavam a toda, por isso Abby virou de frente para ela e patinou de costas, puxando-a pelas mãos macias e suadas, integrando-as no fluxo. Elas começaram a patinar mais rápido, fazendo a primeira curva, depois mais rápido, até que Gretchen ergueu uma das pernas e deu impulso, em seguida fez o mesmo com a outra, e então elas estavam patinando de verdade. A bateria começou, o coração de Abby disparou, o piano e o teclado começaram a tocar, e "We Got the Beat" saiu rugindo pelos alto-falantes. As luzes que atingiam o globo de espelhos pulsavam, girando com a multidão, orbitando em torno do casal no centro da pista, e elas estavam no ritmo.

Freedom people marching on their feet
Stallone time just walking in the street
They won't go where they don't know
But they're walking in line
We got the beat!
We got the beat!

Abby estava cantando a letra totalmente errada, mas não importava. Ela sabia, com mais certeza do que já soubera qualquer coisa, que era sobre ela e Gretchen que The Go-Go's estavam cantando. Elas tinham o ritmo! Para qualquer outra pessoa, elas seriam duas crianças dando voltas no rinque lentamente, fazendo curvas bem abertas enquanto todos os outros patinadores passavam zunindo, mas não era isso o que estava acontecendo. Para Abby, o mundo era um lugar cheio de brilhos, tomado

por luzes rosa-shocking, verdes fluorescentes, turquesa e magenta, e elas piscavam a cada batida da música, e todo mundo dançava, e as duas deslizavam tão rápido que seus patins mal tocavam o chão, derrapando nas curvas, ganhando velocidade, e seus corações batiam ao ritmo da bateria. Gretchen tinha ido à festa de Abby porque Abby a convidara primeiro, e ela tinha um pôster de verdade do E.T., e agora elas podiam comer o bolo inteiro sozinhas.

De algum modo, Gretchen soube exatamente o que Abby estava pensando. Sorria de volta para Abby, que não queria mais ninguém em sua festa de aniversário, porque seu coração estava batendo no ritmo da música, elas estavam girando, e Gretchen gritou alto:

— Isso! É! Incrível!

Então Abby esbarrou em Tommy Cox, se emaranhou em suas pernas e caiu de cara, fazendo com que o dente de cima furasse o lábio inferior e espirrasse sangue por toda a sua camisa do E.T. Seus pais precisaram levá-la ao hospital, onde Abby levou três pontos. Em determinado momento, os pais de Gretchen foram buscá-la no rinque de patinação, e Abby não tornou a vê-la até segunda-feira, no primeiro tempo.

Naquela manhã, seu rosto estava inchado como um balão prestes a explodir. Abby foi cedo para a sala, tentando não mover os lábios inchados, e a primeira coisa que ouviu foi a voz de Margaret Middleton.

— Não entendo por que você não foi — repreendia Margaret.

Abby a viu assomando sobre a carteira de Gretchen.

— Todo mundo foi e ficou até tarde. Você tem medo de cavalos?

Gretchen estava encolhida na cadeira, com a cabeça baixa e o cabelo espalhado sobre a carteira. Lanie Ott permanecia ao lado de Margaret, ajudando-a a censurar Gretchen.

— Eu montei um cavalo, e ele saltou duas vezes — acrescentou Lanie Ott.

Então as duas viram Abby parada na porta.

— Eca! — exclamou Margaret. — O que aconteceu com seu rosto? Parece vômito.

Abby ficou paralisada pela raiva que crescia em seu interior. Ela tinha ido parar na emergência! E agora elas estavam sendo cruéis em relação ao acontecido? Sem saber o que fazer, Abby tentou contar a verdade.

— Tommy Cox esbarrou em mim de patins, e eu precisei levar pontos.

À menção do nome de Tommy Cox, Lanie Ott esboçou em vão uma resposta, mas Margaret era mais durona.

— Até parece — rebateu ela.

Abby se deu conta de que, ai, meu Deus, Margaret podia simplesmente espalhar que ela era mentirosa e ninguém jamais acreditaria em Abby.

— Não é legal mentir, e é grosseiro ignorar o convite de outras pessoas. Você é mal-educada. Vocês *duas* são mal-educadas — completou a garota.

Foi quando Gretchen levantou a cabeça.

— Abby convidou primeiro — retrucou ela com um olhar raivoso. — Então *você* é a mal-educada. E ela não está mentindo. Eu vi.

— Então vocês são duas mentirosas — sentenciou Margaret.

Alguém estendeu o braço por cima do ombro de Abby e bateu na porta aberta.

— Ei, baixinhas. Alguma de vocês sabe onde… Ah, oi, fofinha.

Tommy Cox estava a oito centímetros de Abby, com seu cabelo louro cacheado emoldurando o rosto. O botão de cima da camisa estava desabotoado, mostrando um colar de conchinhas brancas, e seu sorriso revelava dentes inacreditavelmente brancos. Ondas pesadas de gravidade emanavam de seu corpo e se derramavam sobre Abby.

O coração dela parou de bater. O coração de todas parou de bater.

— Caramba — disse ele, franzindo o cenho e examinando o lábio inferior de Abby. — Fui eu que fiz isso?

Ninguém nunca olhara o rosto de Abby tão de perto, muito menos o veterano mais maneiro do Colégio Albemarle. Ela fez um esforço para balançar a cabeça afirmativamente.

— Está feio — falou. — Dói?

— Um pouquinho? — respondeu Abby, sem forças.

Ele pareceu triste, então ela mudou de ideia.

— Mas não é nada de mais — completou com uma voz esganiçada.

Tommy Cox sorriu, e Abby quase caiu para trás. Ela fizera Tommy Cox sorrir. Era como ter um superpoder.

— Bacana — disse ele.

Em seguida, estendeu uma lata de Coca-Cola cheia de gotas de condensação.

— Está gelada. É bom para o seu rosto, certo?

Abby hesitou, então pegou a lata. Ninguém abaixo do sétimo ano tinha permissão de usar as máquinas de vendas, e Tommy Cox fora até as máquinas de refrigerante e comprara uma Coca para Abby.

— Bacana — ecoou ela.

— Com licença, sr. Cox — disse a sra. Link, entrando na sala. — É melhor você tomar seu rumo de volta para o prédio dos alunos mais velhos antes que leve uma advertência.

A sra. Link caminhou pesadamente até sua mesa e largou a bolsa sobre o tampo. Todo mundo continuava olhando fixamente para Tommy Cox.

— Pode deixar, sra. L — respondeu ele. Então ergueu uma das mãos. — Toca aqui, garota.

Em câmera lenta, Abby retribuiu o gesto. A mão dele era fria e forte, quente e firme, mas macia. Tommy se virou para sair, deu um passo, olhou para trás e piscou para Abby.

— Fica na boa, gatinha — falou ele.

Todo mundo ouviu.

Abby se virou para Gretchen e sorriu, fazendo seus pontos se soltarem e a boca se encher de um líquido salgado. Mas valeu a pena quando ela se virou e viu Margaret Middleton parada igual a uma idiota sem ter o que dizer. Elas não sabiam, mas foi ali que tudo começou, na sala da sra. Link: Abby sorrindo para Gretchen com grandes dentes ensanguentados, e a amiga sorrindo timidamente de volta.

O DIABO É PÁREO PARA A FORÇA DE UMA AMIZADE?

Outono de 1988. As melhores amigas Abby e Gretchen cursam o ensino médio em uma prestigiosa escola católica, mas são meninas populares que idolatram Madonna e odeiam os pais. Quando as duas experimentam alucinógenos, Gretchen decide nadar nua no riacho, mas acaba desaparecendo a noite inteira e volta... estranha. Está carrancuda, irritadiça, cheia de espinhas e cicatrizes e usa sempre as mesmas roupas largas e feias. Não demora muito para eventos bizarros e sangrentos começarem a acontecer por onde ela passa.

Preocupada com a amiga, Abby decide investigar o que aconteceu naquela noite. Suas descobertas são aterrorizantes, e tudo indica que Abby não vai escapar ilesa se não se afastar de Gretchen. Agora, o destino das duas depende de uma única pergunta: a amizade delas é forte o bastante para derrotar o diabo?

Em uma trama eletrizante, sensível, demoníaca e com uma trilha sonora memorável, Grady Hendrix explora as dinâmicas sociais de Charleston nos anos 1980 – tão assustadoras quanto o próprio diabo – e constrói um testemunho emocionante sobre o poder da amizade. Um filme inspirado na obra está em produção, dirigido por Damon Thomas (*Killing Eve* e *Penny Dreadful*) e distribuído pelo *Amazon Studios*.

SAIBA MAIS EM:

https://www.intrinseca.com.br/livro/1103/